

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--16 de Agosto--1928

**5 TOSTÕES**

**3.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**117**



sempre  
**five** semanario  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# A via aerea para New-York





## Os ditos da semana



**Comidos** ... Um alto espirito da politica e das letras, que sempre foi um grande humorista e sabe tocar as coisas ao de leve, contou ha dias o seguinte:

Como Zappi foi acusado de ter comido um sabio Malmgreen,—os seus compatriotas deitaram-se a correr mundo para imitar o seu heroi, comendo tambem sabios de diferentes nacionalidades.

Alguns vieram a Portugal, e, depois de convenientemente informados acerca do nosso stock de sabios, resolveram comer o sr. Antonio Cabreira, conceituado sabio da nossa praça.

Colhido de surpresa, o matematico que foi capaz de prevêr em que dia cai o dia da espiga no ano de 835.547, mas não tinha previsto que ia servir de jantar a meia duzia de italianos, ficou um pouco atrapalhado.

O seu espirito matematico tinha, porem, vastos recursos. Resolveu o problema num instante, descobrindo a incognita pela seguinte torma:

— Meus caros amigos, sinto muito dizer-lhes que o sabio, o verdadeiro sabio que os senhores procuram não sou eu. E' o dr. Costa Lobo.

Era a primeira vez que o sr. Antonio Cabreira se resignava a tamanho sacrificio.

E lá foram os italianos em busca do dr. Costa Lobo. Este, porem, devolveu-os novamente ao sr. Antonio Cabreira que, por sua vez, jurando por Santa Maria do Castelo afirmou aos pés juntos que sabio autentico, puro, sem mistura nenhuma era só o sr. Costa Lobo.

E andaram os antropofagos de Lobo para Cabreira, como os judeus de Herodes para Pilatos, até que derreados de todo, resolveram comer os dois, fiados na maxima latina de que *quod abundat non nocet*.

Consumou-se a tragedia. O que os italianos, porém, não sabem é que foram eles os comidos, porque nem o sr. A. Cabreira nem o sr. Costa Lobo são sabios.

**O fantasma** Anda um fantasma no Estoril. Toda a gente o sente, toda a gente o vê e toda a gente é apedrejada por ele; mas o fantasma é cauteloso, precavido contra a policia e não aparece, não se manifesta senão quando apanha as pessoas sozinhas. Evita as testemunhas como qualquer gatuno.

Ha pessoas de bem que o viram já mais de uma vez. Viu-o o sr. dr. Beirão da Veiga e mandou-o vêr por um regimento de redactores do *Diario de Noticias*, mas o fantasma não é trouxa e diz que não serve para *caixas* jornalisticas, nem para negocio. As opiniões divergem acerca da extranha aparição que ninguem viu nestes ultimos dias. Querem crer que seja uma autentica alma penada, mas ha quem tenha a opinião de que se trata simplesmente da alma do sr. Pereira da Rosa que anda arreliando o sr. Beirão da Veiga.

Por seu lado, o sr. Beirão da Veiga julga tratar-se duma manobra dos inimigos da moagem. O que é facto é que o fantasma é branco, salta como o homem macaco, e desaparece com uma facilidade incrível.

Se a noticia tivesse aparecido em primeira mão no *Diario de Noticias* tinha sido uma coisa fantastica para a administração. Assim foi um fantasma que já deu o que tinha a dar—desgostos ao sr. Beirão da Veiga.

**Pudor** As nossas praias, que foram noutros tempos modelos de virtudes, começaram a civilisar-se e a despir-se.

Parece que o progresso só é compativel com pouca roupa. A população das praias pode vestir-se toda com uma peça de pano. Basta colher uma folha de parra, coloca-la sobre uma peça de tecido e ir cortando tantas folhas quantas forem as banhistas.

A qualidade do tecido não importa. Em caso de necessidade pode mesmo servir uma teia de aranha.

A virtude consiste apenas no gesto, no desejo, na intenção de fazer um fato de banho. Que o fato não exista, ou se resuma simplesmente em 15 centímetros de malha talhada a capricho, não é coisa que tenha importancia.

O fato de banho é, hoje em dia, uma questão de fé.

A mulher que se convencer de que está pudicamente vestida, pode não trazer sobre si, a vestil-a, mais do que os olhares cubicinhos duma malta de portuguezinhos valentes, que

nem por isso periga a virtude nem a moral, que nem por isso deixa de estar vestida perante a sua consciencia.

Qualquer dia, teremos o prazer de vêr, resumida ao seguinte, a receita para fazer fatos de banho para senhora: «Agarra-se em dez centímetros de malha de seda, e vai-se-lhe pondo carne de mulher em volta até transbordar.» Quem for mais exigente pode fazer exactamente o mesmo mas sem os dez centímetros de malha».

E depois vai a gente por essas praias abaixo, compartilhar da alegria dos papás e das mamãs que se deliciam recordando nas filhas a mocidade perdida.

Antigamente, no tempo das botas de elastico e dos cabellos compridos, dois dedos de perna bastavam para fazer delirar um regimento, mas, pelo caminho que as coisas vão tomando, a gente vai-se familiarizando de tal forma com o nu, que tempos virão em que ha-de ser preciso um regimento de pernas ao leo para electrizar um soldado.

Está quasi seca a arvore do bem e do mal. A macieira do Paraíso já não dá frutos proibidos. A humanidade acha-se ameaçada de morrer de indignação.

Agora é tudo nosso. Dá cá o braço, Pinheiro Maluco amigo e anda vêr isto, que temos muito que prégar...

### Cruz Magalhães



### Poeira nos olhos

*Noticias Ilustrado*, o nosso colega que é brilhantemente dirigido pelo artista Leitão de Barros, faz um grande reclame à *Grafica do Bulhão*, achando-a superior aos estabelecimentos Vercasson de Paris, que tem como director artistico Jean d'Hen. E acusa este de copiar outro grande artista que é Capiello.

Leitão de Barros ignora certamente que Capiello foi inventado por Vercasson...

E naturalmente prefere tambem aos cartazes de Jean d'Hen essa belesa de cartaz para a exposição de Sevilha—segundo premio dum concurso com maquetes e tudo...

De resto, o *Sempre Fixe*, como todo o Universo está convencido de que Leitão de Barros foi sempre superior a todos os cartasistas estrangeiros, originais ou copiados, existentes e por existir...

Este nosso colega e velho artista modernista não tem bolha... Tem um Bolhão...

**Os homens celebres morrem quasi todos de morte macaca**

Eu não sei qual será o meu fim. É naturalíssimo que dê a alma ao Criador a troco de uma *penurite* aguda. Talvez morra mesmo com uma *hidro-congestão*, que actualmente está em moda, graças á profusão de agua que nos oferece o sr. Carlos Pereira. Mas, de todas as mortes, a que prefiro mais é a de passarinho... Dormir, sonhar e subir ao céu, visto que en estou em boas relações com o S. Pedro, é o ideal. O grande magico do chaveiro da mansão celestial já me abriu, no seu onomástico dia, por todos os títulos ramboia, as portas do Paraizo, ali a Santa Clara... E desde então tem continuado a dispensar-me a sua amizade. Até já me enviou, por um anjinho do guarda, um expressivo telegrama pedindo a minha visita ao céu. Ainda não fui até lá, por duas razões: espero, em primeiro lugar, que uma das senhoras de Fátima me apareça a anunciar de que modo acabarei com a *porca da vida*; tençiono, em segundo lugar, tornar-me celebre, publicando as minhas memorias, que são frescas...

Mas, aqui é que a *porca* torce o rabo. Celebres foram Cesar, Cícero, Esopo, Aruimedes e Viriato, e estes — Jesus! — morreram assassinados; celebres foram Sócrates, Aristoteles e Alexandre, e estes — coitadinhos! — beberam o veneno da cicuta; celebres como Scipião, Temistocles, Napoleão, Dante e Ovidio, e estes — que desditá! — deram ao pernil no exilio; celebres, ainda, foram Colombo, Camões, Cervantes, Bocage e Mozart, e estes — oh! Pão Nosso! — esticaram, estoíram de fome.

Decididamente, mando as minhas memorias ao Diabo e o Dante que lá se avinha com elas. Não quero ser celebre; antes armar em estúpido, para que a D. Fortuna me abra a porta...

Eu sei que o poeta Sevilha, o sr. comendador Faria, o sr. Tomás Cabreira, o sr. dr. Henrique de Carvalho, que lecciona agentes de segurança publica e outras praças de pref., o sr. Antonio Boto e outras tantas individualidades marcantes nos meios literario e artistico, são pessoas celebres da minha querida terra. Eu sei; todavia não os invejo, porque pode vir a *malapata*, e adeus minhas encomendas, a exemplo dos primeiros citados, talvez não saibam, como eu, de que natureza é a *sorte* que os espera...

No entanto, irei folgando as costas, cantando a rindo, bebendo e amando, que a vida são dois dias!  
E S. Pedro que se governe lá nas alturas...

**Ivinho**



— Para que levas o cartaz de pernas para o ar?  
— Porque ha três quartos de hora que terminei o serviço e não quero fazer horas extraordinarias.

**Sortes grandes?**  
só o PINA se vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77

**HUMORISMO ALHEIO**  
**Wenceslao e a mania da publicidade**

Todos os dias passam pelas redacções pessoas com a mania da publicidade que, desde o suborno até á recommendação, não vacilam ante os procedimentos indispensaveis para que lhes publiquem o retrato ou o nome no jornal.

Wenceslao Fernandez Flores foi festemunha dum destes casos de tenacidade e conta-o assim:

— Recordo que, numa noite de chuva, acabava eu um *ponche* num café e acabavam de soar as doze badaladas da meia noite, quando se abriu a porta e entrou Pedroso.

Pedroso tinha falecido ha três dias, e ninguém se poderá admirar de que a mim me estranhasse um pouco vê-lo entrar.

O homem deu uma rapida olhadela pelas mesas e dirigiu-se para mim. Isto comirrou-me, mas, enquanto se aproximava, tive tempo de pensar.

Tive uma ideia magnifica! Fingirei não saber que faleceu.

O espectro já estava deante de mim. Adoptei um gesto amigavel.

— Boas noites, querido Pedroso. Como passa?

Olhou-me um pouco desconcertado. E foi só pelo costume que respondeu:

— Bem, muito obrigado.

E aggregou, com essa voz cavernosa com que falam os fantasmas no teatro.

— Venho á sua procura.

— Sente-se — supliquei. — O senhor tem uma voz rouca. Vê-se que está acatarrado. Recomendando-lhe um *ponche* como o meu.

A chamar o criado, mas elle contive-me.

— Não tomo *ponche*.

— Então um *grog*?

— Também não.

— Nem um café?

Suspirou com melancolia:

— O café era o meu delirio. Tomava doze cafés por dia. É uma das coisas de que tenho pena.

— Então vai um café?

— E' inutil...

— Um café — gritei ao criado.

Pedroso olhava-me, surpreendido. Tinha já abandonado o tom rouco em que se julgara obrigado a falar-me. E perguntou:

— Então... o senhor não sabe?

Olhou-me fixamente. Eu sorria. Gemeu, occultando o rosto entre as mãos:

— Se o senhor não sabe, como dizer-lhe?

— Pareceu envergonhar-se.

— Pareceu-lhe?

— Tenho a certeza. Li todos os contos de Põe e de Hoffman e em nenhum se menciona o caso dum espectro entrar num café.

Enrugou-se a fronte de Pedroso.

— E supõe que isso seria de mau gosto?

— Tenho, pelo menos, a certeza de que a gente sensata e julgaria severamente.

O fantasma voltou a suspirar, meditou alguns instantes e começou a andar para a porta. Julgava-me livre dele, mas voltou com passo decidido.

— Apesar de tudo — disse-me — não me quero ir sem resolver a questião que aqui me trouxe. E para isso tenho que lhe dizer a verdade. Não julgue mal de mim; mas eu... estou morto.

Não era possível prolongar a comedia.

— Querido Pedroso — murmurei — isso é certo?

— Certissimo.

Busquei algumas frases adequadas:

— Parece mentira! Ainda ha uma semana o vi, são o boberão.

— A vida é assim.

— Compreendo — acrecentei cortésmente — que tem razão para estar indignado comigo. Não soube nada, mas prometo-lhe ir ánuahá dar os pexines a sua familia.

— Estou queixoso, é facto, mas por outra razão. O senhor é redactor dum jornal que tem uma secção de «Mortos Ilustres» e onde se publicam os retratos das pessoas notaveis que falecem. Porque se não lembraram de mim na redacção. Quando morreu o Gutierrez, publicaram-lhe o retrato. E quem era o Gutierrez? Um poeta barato que se não podia comparar comigo. Francamente, pensei muitas vezes que, quando eu morresse, publicariam o meu retrato na secção. Era uma ideia que me fazia simpatizar com a morte... E agora...

— Querido Pedroso — intentei desculpar-me — ha muito original... Disponho de pouco espaço.

— O original, o espaço!... — protestou — quando se trata dum verdadeiro amigo... dum homem de merito... Enfim, prometa-me que sairei no proximo numero.

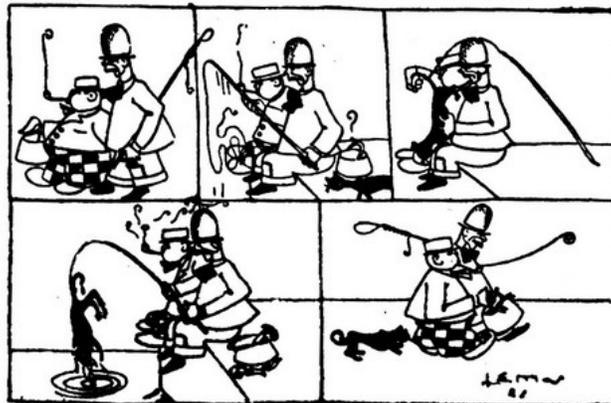
Cedi e Pedroso aperlou-me as mãos:

— Obrigado, obrigado! Volto satisfeito para o sepulcro. Vim de lá apenas para lhe fazer este pedido. Bem vê... Era o ideal de toda a minha vida!

Pedroso quiz pagar o *ponche*, ainda que, naturalmente, não tivesse levado dinheiro para o caixaõ. Antecippei-me. Guardou, maquinaalmente, uma caixa de fosforos que era minha, e foi-se, feliz por ser um morto e aparecer fotografado no jornal.

*Pela traduçãõ,*  
**Perez la chaise.**

**O MELHOR ANZOL**



**Elevador da Gloria**

Quando o calor sufoca, o bom chete de familia entronxa as roupas brancas da tribu, aluga casa nos arraoades de Lisboa, manda pôr o acontecimento na secção mundana dos jornais — e parte.

— Enfim, vou ser feliz — cogita com os seus botões, na esperança de responder um mês livre da poesia e dos credores.

A installação é difficil. A filha mais nova, desde que partiu de Lisboa, cortou relações com o papá:

— Já viram uma coisa destas. Lha rapariga separada do seu namorado, sem poder ir ao animatografo, nem ao teatro. Como é que o pobre rapaz, que todas as noites tem serviço, pode cá vir?

A maná, no primeiro dia, relaciona-se com o merceeiro e verifica com espanto que o atum de lata custa mais vinte e cinco tostões, massas não ha e o asecuar é negro como um pano de cosinha. Apela então para o marido:

— Tu é que me podias fazer um favorzinho.

— Pronto, meu anjo.

— Ires todas as manhãs a Lisboa fazer as compras.

O esposo faz de chimpazé. Dá um salto mortal, caindo irado e não contuso aos pés da cara metade — que fica com ela á banda:

— Tu estás doida, doidissima! Então venho para aqui repousar ou trabalhar.

— Terás toda a razão. Mas logo ao jantar não protestes.

Meu dito, meu feito. A menina mais nova, com cara de enterro, põe de lado o feijão verde, cumprindo assim a greve da fome sentimental; o papá, ao pedir o que se segue — termina.

A's seis horas, a familia vai fazer a digestão do que nunca existiu: o jantar. Toma por uma estrada bordada de bombais e capoeiras, outros tantos *chalets* ultima moda. E' como se passasse um enterro. Toda a gente vem á janela observar a familia veraneante, algo comprometida por aquele exame que começa nas botas e não acaba no chapéu, porque é de ida e volta, com passageiros em todas as estações da indumentaria.

Nisto passa um automovel, melhor, um gafanhoto mecano, pintado de azul, como o do sr. Leitão de Barros. Uma nuvem de poeira, que os arcs escuroce, patina por completo os passageiros. Terra nos olhos, no carminha da menina mais nova, no *ponché* malva da senhora. O senhor ficou como um carvãoco e meio sufocado:

— Vamos para casa. Isto assim não pode succeder.

Cada um installa-se, em cadeiras de pau, o pior possivel.

— Também aqui não ha comodidades — constata a menina.

— Ou bem que estamos no campo ou na cidade — sentença o papá. — Deixa-te de lerias e vai-me buscar o *Noticias*.

— Isso tambem eu queria! Ha dois dias que o vendedor não apparece cá. A noite fina-se lentamente. E' incomensuravel. Os mosquitos entram pela janela aberta, envolvendo a familia numa infernal sarabanda. Quando alguns dos membros se atreve a falar é reprimido á aguilhão.

Meia noite! Um córo infernal de pretos atrá os arcs. A villa em peso sai para a rua, com um primeiro de Maio qualquer.

— Mas o que é isto? O que é isto? E a menina ironica:

— Nada, papá. E' apenas o aniversario da banda musical 13 de Agosto, cujas festas duram quinze dias e podem ser prolongadas a pedido dos socios.

— Que snucia! — resmunga vencido e ensonado o papá, dando ao diabo a sua ideia de vir descansar fóra de Lisboa.

**Sortes grandes?**  
só o PINA se vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77

**SEMPRE FIXE** vende-se na Povoas de Vazim, na Livraria Academica Editora.



### A divisa do brasão

Julio Mardel, ha pouco falecido, foi visitado por um certo individuo que havia tempo o tinha incumbido de reunir num só braço de armas o braço de sua mãe, rebento da illustre familia dos Lagartos, e o do seu pai, chefe de linhagem dos Camelos, não menos illustres, cuja antiguidade remonta ao tempo da *Ilustre casa de Ratinos*.

Julio Mardel, sabendo o fim da visita, tirou de dentro duma resma de papeis um braço colorido, complindo num só o do pai e o da mãe do individuo e explicou:

— Braço partido em pala, tendo no primeiro campo as armas dos Lagartos, que são, em campo vermelho, cinco lagartos de verde, em sautor linguadados de ouro; no segundo campo, as dos nobres Camelos, parentes por consanguinidade do elefante branco real do Sião, que são, em campo verde, um camelo de prata, timbre um lagarto do escudo, com um feto na boca.

— Mas, senhor Mardel... — diz, engado, o individuo, recém-cavaleiro da Casa Real, que ouvira a descrição das suas armas com a maior atenção.

— O que é? — perguntou Mardel. — Acho bem, mesmo muito bem — continuou o individuo nobilitado — mas falta por debaixo do escudo uma fita branca, tremilinha, com a divisa do meu pai. Não recuo.

Julio Mardel, cheio do espirito, sorriu fleugmaticamente e respondeu: — Isso, meu caro senhor, é falta de picadeiro...

## A falta de agua

Cá li a tua chalaça  
Na passada quinta-feira  
E vejo que é de tal raça  
Toda essa bebedeira  
Que chego a achar-lhe graça.

A maldita Companhia,  
P'ra fazer-lhe a boca doce,  
Mandou-lhe agua nesse dia  
Mas essa *mama* acabou-se  
P'ra que você não se ria...

Eu tive agua duma vez,  
Crendo não mais acabar,  
Quer vêr o que ela me fez?  
P'ra não me estar a gabar,  
Deixou-me a apitar um mês...

Conforme sua instrução,  
Lá fui ter com o Chaby,  
Mas deu-lhe um grande empurrão  
E disse que só a si  
Ensinava natação.

Eu, quanto a você dizer  
Que a sua «sopa» é um «amôro»,  
Se vê que é boa mulher,  
Agradeço-lhe o favo,  
De a mandar p'r'o «Dosafer».

E se já tem agua á farta  
E inda está a conspirar,  
Eu não ponho mais na carta,  
Faz favor de desculpar  
E vá p'r'ó raio que o parta...

**Dosafer.**



— Oh! minha senhora, creta que lamento ter morto o seu gato, e estou pronto a substituí-lo.

— Que amavel! E diga-me, o senhor caça bem os ratos?

## TAC-TAC-TAC

### O Ratinho e a Girafa ou a cura da prisão de ventre

Entre os multiplos e varios contos, historias e narrativas, de que meu vasto estúdio nas regiões africanas sobrecarregou — por assim dizer — a minha já de si bem pejada memoria, uma anedota se me antolha agora merecedora de singular realce e da geral atenção dos meus co-indigenas.

E' a historia da Girafa sanitaria, como o sabio Marabout Abdou-Karou-Deslavé lhe chamava em bom francês — ou «do troço de couve», como entre nós, os pioneiros heróicos da civilização suíça-atlantica, mais comumente era conhecida. Vamos a ela.

Augusto Ratinho, antigo sargento do 33, de Setubal, fóra, por bamburrios dum acaso maquiavelico, mandado para Tombouctou como «observador» do Governo Sovietico da Cuculandia, aquela pequena Republica fundada por alguns exaltados idealistas brancos, que nas margens do Gambia, quizeram imitar o gesto libertador dos negros americanos, quando se estabeleceram na Libéria. Como sabem, de pouca dura foram essas veleidades... Mas esta anedota passou-se em plena florescencia da Cuculandia.

Por dever de officio — porque o principal papel de Ratinho era vigiar de perto os manejos da Gallopólia para a absorção economica da Cuculandia — era Ratinho forçado a ocupar semanas inteiras em plena «brousse» (matos e florestas virgens que Ratinho vernaculamente traduzira para português por *brucha*).

Ali, apenas acompanhado por uma serviçal cabo-verdeana — que lhe era o que com propriedade se pode chamar «criada para todo o serviço» — passava Ratinho o melhor de seu tempo caçando ratos de palmeira, com cujas minusculas e setinosas peles ideara mandar fazer uma luxuosa *fouffure* para aquela francesinha que tão sollicitamente o amparara nos seus tempos da tropa... e até já de paisana.

Os dias eram lentos e aborrecidos. As noites longas e povoadas de medos e de insónias. A alimentação precaria, quasi exclusivamente de conservas, destrambelhara-lhe o intestino, a pontos que este, já de todo se negara á sua principal função. O calor asfixiava, como brazero infernal,

forçando-os á nudez completa e, para cumulo de desdita, por via das serpentes e outras terriveis feras que por all passavam, de noite, no caminho da longinqua ribeira que as desdentava, via-se Ratinho obrigado a repousar, e mal-la a companheira, sobre as arvores, em cujos emaranhados ramos estendia uma esteira.

Em todo o caso, o que mais o afiligia era aquella renitente prisão de ventre que, ferina, o torturava.

Ora, uma tarde, Zulmira — que assim se chamava a mulatinha — perante as lamentações de Ratinho, lembrou-se dum remedio caseiro, muito em uso na sua terra natal.

E, logo, extraindo duma lata um belo e alentado troço de couve, no mesmo azeite da conserva o remolhou e convenceu Ratinho a empregá-lo como suppositorio, quando, na alta esteira, pela noite adiante se recostasse. Assim fez Ratinho, e tal foi o inesperado consólio, que depressa adormeceu.

Pela madrugada, calhou passar por ali um bando de girafinhas, caminho das nascentes, guiadas pela girafamãe, uma esgalgada do tamanho dum terceiro andar, que aproveitava o tempo colhendo os rebentos das arvores que comia com delicia. E eis que sua pituitaria apurada se apercebe dum pequeno rebento de raro perfume.

Vá de lambello com volúpia até conseguir extrair-lhe do estranho tronco de que brotava. Mas o rebento saboroso não era mais que o troço de couve azeitado, que Ratinho introduzira no local do seu intestino refratario!

Ao começo, a sensação imprimiu no seu sonho uma impressão assás nova e não desagradavel; mas, quando a girafa resolveu engulir abruptamente o troço, Ratinho acordou sobresaltado e, vendo junto a si a cabeça do bicho, desatou a gritar afitivamente. A girafa fugiu assustada, galopando com a prole á brucha das linfas purificadoras...

Mas, ou fosse do troço ou fosse do susto, o que é certo é que, immediatamente, Ratinho ficou curado da sua atroz doenca, e melhor do que se engulira um litro do ricino fascista.

**Cirano de Velhocrac.**

## No Estoril



— A minha dona calçou as meias?  
Ah! já sei é que, como hoje é domingo, ela não toma banho e teve de vestir qualquer coisa para ir á missa

## A' meia noite e meia hora

Logo no primeiro dia que entrara para a casa da familia Silva, a dona da casa, uma senhora nutrida e sardenta, lhe dissera em voz baixa:

— A menina, se quer conservar-se nesta casa, não dê confiança a meu filho Jacinto. E' bom rapaz, mas muito atrevido. Com ele tous a cautele é pouca...

Minutos depois, o Jacinto entrava de chofre na cosinha e dizia á criada:

— A Efigeniasinha tenha muito cuidado com o papá. Responda-lhe, sempre, com rispidez. Ele é muito abusador e, qualquer dia, dá um grande desgosto á mamã.

A' noite, após o jantar, o dono da casa veio á cosinha e falou, deste modo, á Efigenia.

— A menina não se mostre afavel com o meu filho. Por causa dele, já são duas criadas que vão para o meio da rua. E qualquer dia, ele vai tambem, com um pontapé que lhe ha de ficar de memoria...

Uma semana depois, Efigenia tinha constatado que tão bom era o filho como o pai. Ambos lhe diziam frases equivocadas, ambos lhe fizeram propostas e a ambos ela jurara fazer-lhes uma pirraça que lhes serviria de lição. Ao dono da casa dissera-lhe que apparecesse no quarto dela á meia-noite e meia hora, e ao filho convidava-o, para o mesmo aposento, meia hora antes.

\*\*\*

O dono da casa, á hora combinada, aproveitando o sono pensado da sua esposa, erguera-se do leito e enfiara, rapidamente, em pantufas, uns trajes que se harmonizavam com as suas nocturnas intenções. Entrou, as apalpaçadas, e chegou junto do leito de Efigenia. Como a criada não desse sinal de vida, murmurou baixinho:

— Efigeniasinha... estou aqui...  
A Efigenia não respondeu. Então, com grandes precauções, avançou sobre o leito e tomou contacto com um corpo humano que supôs ser o da criada. A Efigenia teria adormecido? — pensou, desapontado. Reflectiu um momento e depois considerou que ela estava fazendo, por graça, uma mistificação. Sem se zangar, começou, lentamente, acariciando aquele corpo até que chegou o momento em que verificou que a Efigenia não passava dum homem, um homem que era o seu proprio filho e que protestava em voz baixa:

— Sou eu, papá!  
Desconcertado, o dono da casa, durante dois minutos, ficou sem poder articular um som. Mas, ao reagir, explodiu colericamente:

— Comigo não se brinca. A Efigenia vai, amanhã, para o meio da rua.

Ao que o filho replicou, prudentemente:

— Não faça isso, porque ela, para se vingar, é capaz de ir contar tudo á mamã...

**C. L.**



— Oh! Julião, para que estás tu a meter as cartas e os jornais na geleira?

— Para que a senhora tenha noticias frescas.

## Um travesseiro em bolandas

— Que feliz noite esta, creia, repito estes momentos os mais felizes das minhas vidas e duas primaveras. Jamais me esquecerei dos venturosos momentos que passo junto de V. Ex.<sup>a</sup> — isto dizia eu na terceira de Entrudo a uma pequena de olhar meigo, que dançava comigo em casa das Pias.

— V. Ex.<sup>a</sup> é uma boneca articulada e faladora; para arjo só lhe faltam as azas. Esta sala forrada de papel encarnado; esta sala satânica, que serve de berço ao meu amor, não me esquecerá enquanto me lembrar.

A pequena olhava-me piedosamente; supunse, talvez, louco... e louco estava eu, mas por ela. Olhava-a demoradamente, mas quando os seus olhos magnéticos enfrentaram os meus, eu sentia um peso nas pontas das pestanas e fechava os olhos. Pouco depois abria-os e olhava em redor, fixava o olhar no jazz-bandista que se bamboleava e estremeia; parecia que tinha pulgas... e o meu coração imitava-o.

A pequena estava mascarada de espanhola e tinha uma mascarilha verde. Aquela mascarilha que me secretava esperança, só permitia que eu visse os seus olhinhos doidos e os seus lábios purpúreos, delgados e sensuais, que mostravam uns dentinhos tão pequenos que pareciam escamas de cachucho... dentinhos que não foram feitos para morder.

Já fomos no quinto *fox-trot*... e nada.

A dama ou não sabia ou não queria responder e eu abri a boca e deixei fugir uma enfiada de frases que decorri, depois de copiar, das cartas que o pedreiro tem enviado à minha criada.

— Eu falo-lhe francamente e com o coração nas mãos. Eu sonho. V. Ex.<sup>a</sup> mergulha-me no mais delicioso dos sonhos, atraí-me, agita-me... e faz de mim quanto quiser, se tiver tempo.

Ela olhava-me pensativa e serenamente, enquanto eu lançava o meu olhar impaciente. Apertei-a contra o meu peito e implorei a resposta.

— Minha senhora, por Deus, por tudo e por mais alguma coisa, responda-me. Livre-me do cruciante desespero em que estou. Aceite o meu amor? Vá, responda... «sim» ou «não». São duas palavras... Escolha. Agora é um charleston... Vamos puler devidamente... A mascarilha caiu.

Suspirei. A luz amorteceu pouco a pouco e quando a sala escureceu de todo, sofregamente, beijei-lhe os lábios; mas como os olhos brilhavam como os de um gato, eu beijei-lhos também sofregamente. Enquanto eu lhe beijava os olhos, uma carroça de lixo e a respectiva campainha puzeram termo aquele encantador silêncio.

Assustado, olhei em redor e vi... vi que estava no meu quarto dançando com o travesseiro e beijando-lhe os botões de madre-perola...

Aquela sonho foi realmente... um sonho.

### Viterbo de Campos.



— Que estas tu a ler?  
— O que dizem os críticos do meu arrombamento desta noite.

## Cartas a uma mulher

Minha querida Consuelo:

As vicissitudes da porca desta vida pregaram comigo num terceiro andar da tua Josefa de Obidos e todas as noites, na minha varanda corrida em forma de sofisma, lembro-me de ti, ao contemplar, meditabundo e com cara à paisana o disco solar. Sim, meu amor! Parece um paradoxo mas é assim mesmo: Consigo admirar o sol da Meia Noite!! Ha já três semanas que estás na Figueira da Foz, três semanas que me parecem 3 meses, três anos e três séculos.

Ainda ontem recordei, com saudade, aquela noite em que amarinhei pelo parapeto da tua janela no louco desejo de te abraçar e a cara que fiz quando em vez de cair nos teus braços me fui dependurar nos de tua mãe! Que braços que ela tinha?! Felizmente para nós, que ela julgou que eu estava apaixonado pela sua pessoa. E foi melhor assim, pois era capaz de mandar uma carta anónima a minha mulher, do que resultaria tu ficares com a cara feita num bolo e eu ter por sobremaneira alguns hectolitros de água destilada!

O meu maior desejo seria ir aí passar contigo uns dias, mas, até ao presente ainda não consegui encontrar pretexto para me ausentar. Já não posso matar mais nenhum amigo. Tenho morto tantos que a família já está convencida que eu não possuo nenhum! Não imaginas, meu amor, como me encontro aborrecido por causa da tua ausencia. Calcula tu que ontem fui a Alges e só consegui arranjar 5 *firts*! A todos os instantes tenho a tua imagem no meu pensamento. Que saudades tenho da tua boca rasgada e desses lindos dentes cariados, do teu olhar estrabico, do teu nariz de papagaio e desse lindo queixo de rabeca. O teu corpo esculptural, curvilíneo e triangulado, faz-me lembrar o dorso dum hipopotamo. Que beleza de linhas e que mulher tão bem alinhavada!!

Lembras-te do nosso primeiro encontro sentimental no Meallada? O teu pai, na altura propria, adormeceu, tua mãe *firtava* e decilitrava com o visinho do lado e eu para não cair no ridiculo atrava-te bolinhas de pão, embebidas em aguardente. Assim que soube que tu eras espa-

nhola dirigiste madrigais em francês e quando eu disse que teu pai não *ligava* nenhuma ao que estava sucedendo... mostraste-me as ligas. E o meu amor aumentou na proporção do teu desmedido descaramento. Passei a visitar-te no teu quarto, altas horas da noite e dias depois passeávamos descaradamente pelas ruas da cidade. Tu, muito alta e anafada e eu muito pequenino e magríssimo, fazíamos um vistão de seiscentos mil demónios!! E o nosso primeiro beijo? Recordas-te? Pegaste-me ao colo, como se eu fosse uma criança de mama e colaste a tua boca perfumada com essencia de acido sulfídrico nos meus lábios estilizados! Como a nossa primeira noite foi poetica?! Tu recitaste Virginia Vitorino e eu disse que gostava mais da nudez da D. Judite Teixeira. Por minha vez recitei um pedaço da «Paineleada» e tu respondeste que gostavas muito de paineleleões! Sempre foste muito estúpida e essa estupidez que possuis é um dos melhores predicados que ornamentam a tua existencia. Depois daquela paixão obesa que tua mãe teve por mim, fui emagrecendo e diminuindo de forma tal, que quando passeava com ela, ninguém dava pela minha presença. Contigo sucede o mesmo. Sempre foste uma grandíssima mulher!! Mas isso é de familia, pois teu pai, antes de atingir a categoria de defunto, tratava a tua mãe por vaca e as vizinhas, quando o viam entrar, afirmavam que ele era o pachorrento marido de tal animal...

Que de recordações. Uma bagagem completa!

Vou terminar, pois não quero perder o couboio que parte às 18 horas para a Praia da Graça. Recomendo-te para não fazeres loucuras, pois podes emagrecer e a magreza em ti, seria um sintoma de decadencia. A tua mãe vou escrever, uma carta quasi perfeitamente igual a esta. Ela já se habituou a limpar as unhas? E tu, já lavas os pés uma vez por mês?

Adeus, Consuelo do meu coração. Envia-te muitos beijos, já que a tua envergadura não serve para abraços, o teu

Reoix



— Então você não foi à festa do Jardim Zoológico?  
— Não; e não perdi nada com isso. Fiz a festa em minha casa.

## Como se cai

Em casa não havia pão. O pai, de profissão pedreiro, não conseguia obter trabalho. A mãe, a sr.<sup>a</sup> Brigida, que trabalhava a dias, ferrara-se-lhe uma dor no peito, e pôs fora ela, que a estendera no seu misero catre.

A posse perseguia-a, ao passo que as hemiparesis constantes, pouco a pouco, lhe iam levando a vida. A filha, dezasseis anos inocentes e alegres, fazia recados pela vizinhança.

O sr. Evaristo, proprietario da bem afreguesada «Perola do Bairro», armazem de viveres por grosso e a retalho, deu em requestar a pequena. Promessas e mais promessas. A pobrezinha, vendo a miseria que lhe ia em casa, na ansia de salvar os seus da miseria, confiava na lialdade daquele que lhe prometia tanta felicidade, entregou-se-lhe, como era inevitavel.

E aqui está, como se caiu...

O pai enlouqueceu e depois de transitar pelas enxovias do Governo Civil, entrou no Manicomio.

A mãe morreu e cosida numa serapilheira foi lançada à vala. E agora a filha, de beleza um pouco fanada, transita, ao começo da noite, pelas ruas da Baixa...

Era esta a historia de sua vida, a que ela me contara na minha egarçonnière, onde recebo todas as quintas e sabados, do meio dia às 5 horas, hora em que imprerivelmente tomo o meu bule de vinho branco.

Desditosa rapariga! Como eu blasfemei contra todos os ricos e fortes que, abusando da fraqueza dos pobres, assim fazem a desgraça de tantas honradas familias!

Demos um abraço de despedida. E eu senti que naquele amplexo, que quasi me fez faltar a respiração, havia todo o agradecimento da minha pobre amiga, pela minha revolta.

Oh! Diabo! Lá me roubaram a carteira. Não foi outra, senão aquela porca!

E aqui têm, meus senhores, a forma como também se cai...

F. G. Costa.

## ARTI



A tinta mais reputada para tingir toda e qualquer especie de tecidos. A que mais tinge, cores firmes e garantidas. Não desbota á luz, nem na lavagem. IMPORTANTE — Sempre que peçam a tinta ARTI, regitem qualquer outra marca que lhes queiram vender, embora lhes digam que dá o mesmo resultado, pois só a ARTI tinge assim.  
A' venda nas drogarías

# BOM HUMOR D. PACO NO "CARCEL" O FURIOSO DRAMATICO

— Porque é que a Maria está tão condôida com a morte da sogra?  
 — Porque já tinha comprado todos os vestidos de verão...

\*\*\*

— Para que a gente da cidade tivesse ar puro, bastava uma coisa muito simples.  
 — Qual?  
 — Construir as cidades no campo...

\*\*\*

Na exposição de pintura:  
 — Deve ser muito difícil pintar tanto quadro?  
 — Nem por isso. O difícil é vendê-los...

\*\*\*

— Não achas extraordinário o caso do avião Lowenstein?  
 — Para mim é a coisa mais natural! Quando um homem é rico, todas as portas se lhe abrem...

\*\*\*

Numa loja:  
 — O negocio vai bem?  
 O patrão:  
 — Tão bem que tive de arranjar um empregado para insultar os novos clientes...

\*\*\*

— Exijo-lhe que me entregue, no prazo de dois dias, os cem mil réis que me deve. Já fica prevenido...  
 — Homem prevenido vale por dois, não é verdade. Pois aí tem cincoenta mil réis da minha metade...

\*\*\*

— Acreditas que Zapi tivesse comido a carne do companheiro?  
 — Quem sabe! Talvez gostasse de carne congelada...

\*\*\*

— Quere que lhe apresente aquela senhora?  
 — Por amor de Deus, não faça isso. E' minha mulher!...

\*\*\*

A buena-dicha:  
 — A senhora casar-se-ha...  
 — Quantas vezes?...

\*\*\*

Na praia:  
 — Senhor Eugenio, acuda que me afogo!  
 — Meu Deus! E eu que lhe disse, precisamente esta manhã, que sabia nadar, sem nunca ter posto o pé na agua.



— Dizem que as loiras são mais carinhosas do que as morenas.  
 — Pois a minha mulher tem sido alternadamente as duas coisas e eu nunca notei diferença alguma.

O caso passou-se numa cidade do norte de Espanha. Mas podia ter-se passado na China ou em Portugal.

D. Paco Ruiz é um lavrador de arroz, muito rico, com bom nome entre os elegantes e estúrdios do Casino, e casado com uma senhora muito respeitada na cidade e arredores, que occupa uma posição distinta na burguesia local.

Ora D. Paco, apesar de cultivar arroz, tem também certa tendencia para os misterios das vidas.

Frequenta «bodegas», bebe razoavelmente com grande linha, é desembaraçado quando a cabeça lhe escalda, e neste estado de saúde e de desalogo põe uma feira em alvoroço.

Ha dias, andando de gôrra com toureiros e marchantes, tão «borrachos» já como ele, começou a ser alvejado com epitetos amáveis:

— Oh do arroz! oh heroi do arroz! oh arroz doce!

— Eu já te dou o arroz!  
 E agarrou num cacete valenciano e fez das suas.

Chega a policia:  
 — Oh D. Paco! Mas oh D. Paco! Cuidado, D. Paco!

— Qual D. Paco, nem qual historia! E D. Paco, do arroz, cai sobre a policia.

Interveem amigos, interveem pessoas gradas, interveem parentes, a policia é das relações da familia do lavrador — e Paco segue em liberdade.

Quando tudo socega, um dos apuniguados do lavrador, a ri-se do successo, larga de chofre:

— Se não te acautelas, Paco, o arroz te iam dando os guardas civis.

Nova scena. D. Paco perde as estribeiras, cai sobre os moínhos, interveem a guarda e nova reprimenda:

— Oh D. Paco! Olhe que o temos de levar ao carcel. Oh D. Paco! Já o chefe tem má catadura; a

broma toma aspectos guerreiros, e Paco, gritando como um «borracho», seu unico defeito, desautoriza a policia e é preso.

Metem-no no gabinete do chefe, que é amigo. D. Paco encosta-se ao canto e fica á espera. Mas nisto, pede para ir ao telefone. Vai falar á familia. Pede ligação entarrelada para o seu palacio.

— E's tu? Aqui, Paco. Olha: não aconteceu nada. Estou preso. Mas não tem importancia. Mandei o Pepe, o Manolo, o Juanito e o Perez caivo para o hospital.

— Nada... Nada... Os craneos partidos. Dei-lhes «o arroz»... Estou no carcel. Mas se eu não aparecer hoje, não estranhes; amanhã põem-me em liberdade. Eu sou D. Paco Ruiz.

— Pobre senhora! — pensou o chefe. — Este D. Paco é boa pessoa. A bebida é que o transtorna.

E propôs-se restituir dentro um quarto de hora D. Paco á liberdade, porque aquilo dos craneos partidos era tudo fanfarronada do elegante lavrador «borracho».

Solicitou, foi mesmo ao telefone. Ligou para o palacio. Pediu que a senhora Ruiz viesse ao telefone:

— Senhora! Senhora! Não ha nada. Aqui o chefe da guarda civil. Nada, nada. Seu esposo não está no carcel. Apenas a descansar... Uma contenda com gitanos. Daqui a uma hora, vou eu mesmo levá-lo lá a casa. D. Paco tudo merece.

— Mas... — disse a senhora, adivinhando — mas ele está assim... tão mal... tão marcao!

— Mareao?... Não... Sim. Para dizer a verdade, está bastante. Mas dentro meia hora estará em sua casa, senhora.

— Dentro meia hora? Pobre Paco. Está muito emborrachado? Então, faz-me um favor. Traga-m'o cá... só amanhã.



Ver e crer... como S. Tomé.

## Quadro de revista

A scena representa a praça Luis de Camões, vendo-se encostado ao gradeamento, fingindo lêr um dos capitulos do seu anunciado romance de aventuras, o nosso impagavel Telo Redondo, que suprirá, se for preciso, a falta do *compère*, enquanto este foi beber um café á «Brasileira».

FURIOSO DRAMATICO (*entrando, cabelos em desalinho, gestos de doido*): — Para traz, miseravel, não avances, recua. Vejo ainda nas tuas mãos o sangue das tuas inocentes victimas. Para traz, poltrão, não me toques, não me sujes. E' agora que vais pagar com a vida a tua nefanda acção. (*Pausa. O Telo Redondo continua a lêr, ouvindo-se o gorgojo dos pas-sarinhos e o ultim-tím dos electricos*).

FURIOSO DRAMATICO (*mais sereno e noutro tom*): — Era cerrada aquela noite de Natal. O vento, com uma furia ameaçadora, atacava a casa da infeliz orfã Almerinda, fazendo-a tremer e ameaçando deitar dentro os tamos, as portas as janelas. O céu abriu as suas eternas fontes e diluvis de agua inundaram as terras e as rochas. Os relampagos, ai os relampagos, falcavam sem cessar, como espadas e lanças, por entre as negras e ameaçadoras nuvens, fazendo o ribombar do trovão tremer a pobre cabana, enquanto o mar, o traiçoeiro mar, iluminado pelos relampagos, philisologicamente falando, se erguia em montanhas monstruosas, e que a cada momento ameaçavam despedaçar tudo o que na terra existia. O COMPÈRE (*que entrara momentos antes*): — Coitado! Saem todos assim da Escola de Arte de Representar. E' uma crueldade...

FURIOSO (*aproveitando a «deixa»*): — Sim, Pedro, não sejas cruel. Saber perdoar também é uma virtude, das muitas que Inês possuia. Recusas?! Pois, então, faz somente justiça, ó Pedro. (*Noutro tom e com os gestos de doido da entrada*): — Afastem-se do meu caminho, poltrões, espantalhos, perseguidores infernais, fantasmas negros. Não me detenham, que falta ao ensaio. Não me obriguem a novas violencias, não me coloquem entre «duas causas». (*Mais forte e arrancando os cabelos*). O' «Miseraveis!» O' «Tubarões»; O' filhos de «Adão e Eva», falsos descendentes de «Vasco da Gama!» Eu sei que «Negocios são negocios», mas basta de «Cobardias». (*Mais forte ainda*). O' Cunha, ó «Alma Forte», ó «Fera!» Atela a «Labareda» e deixa arder o «Palacio da Loucura», onde ainda ha pouco morreu o «Infante Santos!» (*Sai a correr*).

O COMPÈRE (*afliito*): — A «garra» esse «Saltimbanco». Não o deixes subir aos Cactanos e entrar na «Taberna». Dal-lhe antes, senhor «Frel Luis de Sousa», uma morte. «Morte Civil». (*Cal o pano, ficando o nosso Telo Redondo na mesma posição*).

Mario Quintela.



— Porque é que o papá não tem ca-belo?  
 — Porque pensa muito?  
 — Então porque tens tu tanto ca-belo?



O que se diz e o que se não deve dizer

# Não foi o Sporting que se deslocou ao Brazil

O jornalismo d'avant-garde fez escola, em Amsterdam. Eis como o enviado do Sport de Lisboa descreve o que se passou após a vitória do canadiano Williams, nos 200 metros:

*«É e enrolto numa bandeira que o canadiano se capõe aos ultimos metros de «fina». Ainda de bandeira ao ombro, recorre, atravessando o Stadium victoriado fortuamente. Faz lembrar um toureiro. Digo-o a um espanhol membro do júri que está, a meu lado. Deixa com a ideia! Li-lhe nos olhos o desejo de pedir a «correja» para Williams.»*

E, naturalmente, sorriam as orelhas do cronista...

\*\*\*

Para a imprensa brasileira, Candido de Oliveira tem sido o bode expiatorio da excursão do Sporting. E' tarefa que ferve...

Após o primeiro jogo, entrevistado por O Sport do Rio, Candido destacou o jogador brasileiro Lagarto, admirando-lhe a rapidez e a agilidade.

Acontece, porém, que o Lagarto em questão é unanimemente considerado pelos tecnicos e pelos aficionados do Brasil como o mais moroso jogador de além-mar. E' uma especie de João dos Santos lá da terra...

E os senhores estão a vêr o partido que do caso tiraram os criticos brasileiros e atacantes do Candido.

Oga o Candido já tinha idade para saber que o Lagarto é um bicho de azar...

Lagarto... lagarto... lagarto!

E a proposito: Julgam Vossas Excelencias que foi o Sporting que se deslocou ao Brazil?

Pois se julgam — estão redondamente enganados.

Ouvimos ontem, no Martiño, afirmar o seguinte:

— «O team que se deslocou ao Bra-

sil era um grupo mixto de Lisboa, reforçado com alguns jogadores do Sporting.»

Estamos quasi de acôrdo. E até podemos estar completamente de acôrdo, desde que nos permitam a substituição duma unica palavra:

— «O team que se deslocou ao Bra-sil era um grupo mixto de Lisboa,

entraquecido com alguns jogadores do Sporting...»

\*\*\*

Alguem nos faz notar que o water polo parece estar entre nos em decadencia — decadencia de tecnica, decadencia de interesse, decadencia de publico.

Os conflitos da natção, com ligas ortodoxas e ligas protestantes, deram origem a um water-polo em ordem dispersa.

O jogo aquatico transformouse numa diversão em familia — ainda que em familia um pouco zarzafelista...

Os rapazes nadam, brincam com a bola. E, ás vezes, vem para terra se car-se... e socar-se...

\*\*\*

Todos os aficionados do desporto automobilista andam intrigados com a falta de noticias da corrida de Gouveia.

Mais de vinte e quatro horas depois da prova ainda nem um boate transpareceu sobre os resultados.

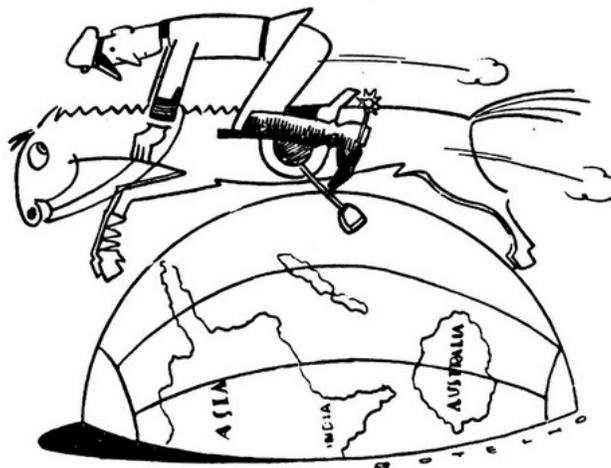
Seria uma corrida automobilista ou uma corrida autofantasiada?

*Post-scriptum* — 48 horas depois da prova, chegamos, em primeira mão, os resultados lacónicos de Gouveia. O terrífico B. N. C. Esmitra não pode ir além do terceiro lugar. E houve um Ford que ganhou a categoria sport mas que ficou em segundo lugar por causa das matemáticas...

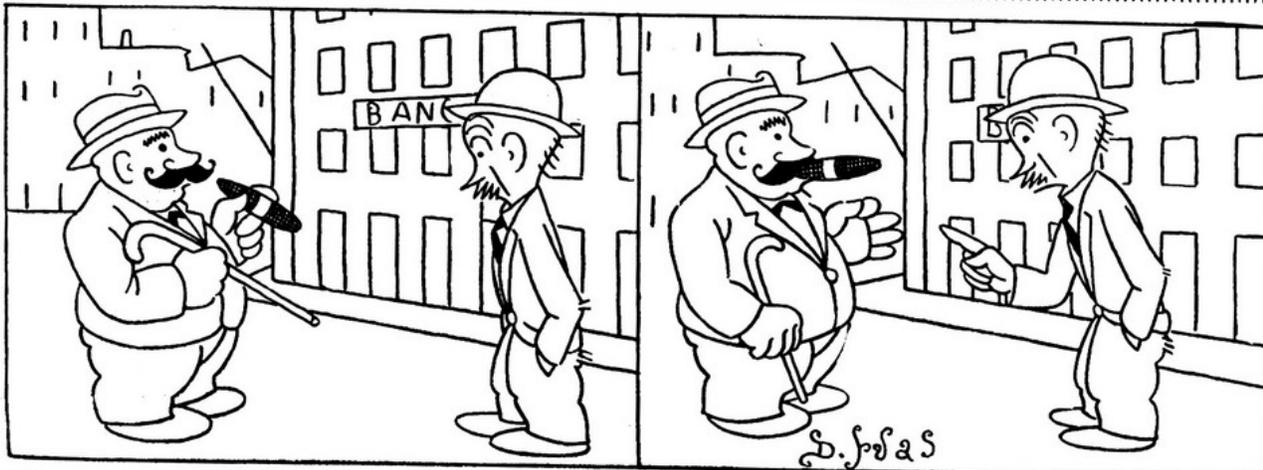
Não ha noticias do carro de O Volante: — o Peugeot hiper-super sport-sinho...

## EPISMO PORTUGUÊS

EM AMSTERDAM



Mostramo-nos grandes no epismo com que fizemos hipismo



Estava um cavalheiro muito bem posto, gordo e anafado, contemplando o edificio dum grande banco e fumando um esplendido charuto, quando se acercou dele um intruso que lhe disse:

— Se em vez de fumar desses charutos tão caros tivesse depositado o dinheiro aqui neste banco podia agora ser o dono dele.

— Eu se fumo destes charutos é porque sou o director.

# ECOS DA SEMANA

## ○ FANTASMA DO ESTORIL - MISTÉRIOS DO AQUEM

ABRENUNCIO!  
FIGAS!  
ESCANHOTO!



OS FANTASMAS  
TEEM, QUASI SEMPRE,  
ESTA ORIGEM MISTE-  
RIOSA



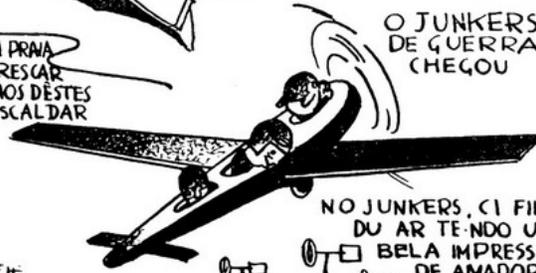
ALGUNS AQUISTAS, NO ESTORIL, TOSCARAM UM FANTASMA  
A NOITE. LOGO, SEM HESITACOES, FORAM DAR-LHE  
BATIDAS EM QUE FORAM BATIDOS COM  
GRANDE CORAGEM

ASPECTO DA TRAVESSIA DO TEJO PARA SENH-  
RAS, CRIANCAS, CIVIS E MILITARES SEM GRADUAÇÃO



VE M UM BICO PARA A PRIMA  
PARA UM POUCO REFRESCAR  
MAS AO VER PEIXINHOS DESTES  
CARAMBA! FICA A ESCALDAR

O JUNKERS  
DE GUERRA  
CHEGOU



NO JUNKERS, CI FIKA  
DU AR TE NDO UMA  
BELA IMPRESSÃO  
DE AMADORA-SUR-MER

COMO SE FAZ O LEITE  
(DEDICADO ÀS MÃES DE FILHOS)



O TERMOMETRO  
CONTINUA A  
A CHUCHAR COM  
O PROXIMO -  
TÃO DEPRESSA ESTA  
EM UMA, COMO EN BAIXO

ORIGEM E FABRICO DUM DOS PRINCIPAIS  
PRODUCTOS LADRICINICOS DE PORTUGAL

BOYELMO